

---

# CLÍNICA TRANSDISCIPLINAR: INTERVENÇÕES ENTRE RUÍNAS E POSSIBILIDADES

## CLINICAL TRANSDISCIPLINARY: INTERVENTIONS BETWEEN RUINS AND POSSIBILITIES

PATRÍCIA PETERLI PARTICHELLI

Psicóloga, graduada pelas Faculdades Integradas São Pedro – FAESA

---

ISSUE DOI: 10.5008/1809.7367.023

---

### RESUMO

O objetivo deste trabalho é pensar a clínica em seu plano transdisciplinar como um espaço possível de intervenções que cruzem arte, filosofia e política, em que a história esteja presente para ser desconstruída. O artigo é resultado de reflexões acerca de experiências clínicas a partir de 2006, iniciadas pelos estágios supervisionados do Curso de Psicologia da Faesa – e pelo encontro do autor com uma Nega especial –, e que seguem por tempo indeterminado, pelos mais variados espaços onde a clínica se faz presente e o psicólogo pode atuar.

**Palavras-chave:** Clínica. Transdisciplinaridade. Prática.

### ABSTRACT

*This work is mainly focused on thinking the clinical practice in its transdisciplinary aspect as an event in which interventions that blend art, philosophy and politics may occur, and through which history can be deconstructed. It is built upon reflections about clinical experiences dated from 2006, all for FAESA's practical study program, but most of all upon the author's meeting with a special woman, Nêga. Such reflections go indefinitely in time, through the variety of places where clinical practice can be applied and where the psychologist can act.*

**Keywords:** Clinic. Transdisciplinarity. Practice.

## **O PLANO DA CLÍNICA: CONSTRUINDO ESCOMBROS**

Era uma mulher. Era a Nega dentro de uma sala. Um cômodo, uma morada. Um pedaço de chão, cadeiras e teto. Paredes de concreto. Uma mulher sentada.

Ao abrir a boca, a fala abafada opta por cantar. Uma banda adentra o cômodo, enchendo o espaço de murmúrios e batuque. A mulher canta uma vida distorcida e o estrondo de sua voz racha paredes e coloca a sala abaixo: os instrumentos desafinam. Ela berra em agudos e graves, dores e risos, delírio e poema, fiascos de uma vida que já não cabe em si: seu grito estremece as carnes, os objetos e os ares daquele cômodo. Seu discurso não tem linearidade, mas por que haveria de ter? – a vida não é reta. A espinha tampouco. Encolhe de frio e medo, enverga com o peso do mundo: detalhes de lata com peso de chumbo.

A Nega levanta e soca as paredes. Pede por portas, janelas, agride o concreto – precisa de maciez. O cômodo incha – tal como um rosto que leva pancada ou uma sala que se enche de gente, cadeira, moda, sapato, alucinação, livro, carro – e as paredes abrem brechas cada vez mais largas.

A fala da Nega enchia a salinha de gente, de fluxos, de coisas e a cada frase um tijolo diferente desmoronava, um piso distinto faltava sob seus pés. O berro de uma mulher que não queria ser mãe transformava em cacos os móveis da sala. O cheiro de bolo assando em seus miolos denunciava um mundo de produção que não estava numa sala secreta a ser desvelado. Era na súplica por novos ares que a Nega esmurrava o cubículo fechado. Até que as paredes, o teto e o chão viraram ruína e o cômodo e a mulher estão ralados na aspereza dos destroços e entregues a movimentos que as estruturas de concreto não permitiam: eis o plano da clínica.

Plano que aqui é configurado pelo rompimento das figuras cristalizadas, pelo tremor dos contornos endurecidos, desassossego em relação ao eterno. Plano cujo interesse está nos processos e movimentos, não numa natureza dogmática e que não permite desconstrução. Espaço aberto à crítica, ao desvio do caminho solado de tanto ser atravessado; plano da criação.

É também produzindo escombros que a clínica se edifica. Tijolos e concretudes desfeitos num movimento de construir novas composições agregando ou não um ou outro entulho. O movimento da clínica antes de tudo é a favor do movimento da vida. E o movimento da vida é o movimento produzido pelas relações.

E que fique claro: relação não é interseção ou articulação entre os entulhos, mas dissolução das fronteiras que mantêm sujeitos e objetos, Nega, psicóloga, paredes e concreto como realidades dadas *a priori*, com funções fixas e imutáveis. A relação não sustenta dicotomias. É a partir dela que objetos e sujeitos se constroem, num mesmo plano, já que

[...] os objetos não causam nem determinam nada, ao contrário, eles são determinados, produzidos pela relação. Podemos reter então que os conceitos de prática e de relação remetem a um plano produtor de mundo e de sentido, que engendra termos, sejam sujeitos ou objetos, assim como as próprias dicotomias (ESCÓSSIA; KASTRUP, 2005, p. 298).

Relações entre escombros e o novo espaço construído; novas ideias e fragmentos encontrados quando o concreto vai abaixo e produz uma nova paisagem remexida e enganosamente desprotegida. Mas não é: o que protege a clínica é o acaso, o movimento, o zigzague pelos escombros à procura de material para novas construções.

A clínica se faz por *bricolagem*, ou seja, contornando o movimento dos retalhos antigos numa atividade sem manual de instrução. O que aparece é utilizado, descartado, substituído. E o que é construído é por necessidade. O movimento da clínica é feito por mãos distintas: *bricoleurs* expostos ao intempestivo e dando novos contornos ao que parecia sem forma:

[...] seu universo é fechado, e a regra de seu jogo é de sempre se arranjar com os <instrumentos de bordo>, isto é, com um conjunto a cada instante acabado de ferramentas e materiais, heteróclitos ao extremo, porque a composição do conjunto não se relaciona com o projeto do momento, e muito menos com algum projeto particular: ela é o resultado contingente de todas as ocasiões que se apresentaram para renovar ou enriquecer o estoque ou para mantê-lo com os resíduos das construções ou demolições anteriores (LÉVI-STRAUSS, 1992, apud JACQUES, 2003, p. 25).

É pelo movimento que a clínica e a bricolagem se cruzam. É pela criação que mantêm seus limites nômades. É pela invenção com o que se tem em vista – ou não – que se constituem as práticas da clínica e da bricolagem. Construções sem início ou fim, sempre expostas pelos meios em cores, poros e velharias prestes a desmoronar.

E sempre que uma velharia desmorona ou precisa ser trocada, é vasculhando escombros e rearranjando relações que se traça um caminho possível – afrouxa a respiração da Nega.

A criação se faz em gargalos de estrangulamento [...]. Se um criador não é agarrado pelo pescoço por um conjunto de impossibilidades, não é um criador. Um criador é alguém que cria suas próprias impossibilidades, e ao mesmo tempo cria um possível [...]. É preciso lixar a parede, pois sem um conjunto de impossibilidades não se terá essa linha de fuga, essa saída que constitui a criação, essa potência do falso que constitui a verdade (DELEUZE, 1992, p.167).

Assim, a Nega, a psicóloga, os materiais e as falas estão todos no mesmo plano, como numa rede, produzindo relações que ora constroem novos contornos, ora desmoronam outras concretudes e ora, ainda, produzem pontos que funcionam como “pausas” no movimento constante e existencializam os engendramentos do plano que os constitui – e que é também por eles constituído.

A clínica trabalha com a desconstrução das concretudes e produção de moradas nômades, precíguas e provisórias. Colaborando com a ideia de bricolagem atrelada à clínica, pensamos na produção de abrigos assimétricos e distintos à necessidade de cada relação como construções de “pontos” nessa extensa rede que comporta a Nega, a clínica, as forças, o mundo e as invenções.

Construção de *abrigos* ao invés de habitações. Abrigos feitos por bricolagem permitem descanso para o corpo exausto na procura incessante por materiais úteis para a sua obra infundável. Habitações são concretadas: chão cimentado e comodidade finalizada para acomodar e confortar por longa data um corpo que não quer mais movimento.

[...] a grande diferença entre abrigar e habitar vem do fato de que abrigar é da ordem do temporário e do provisório, enquanto habitar é da ordem durável e do permanente. O abrigo é provisório mesmo que ele deva durar para a eternidade; a habitação ao contrário, é durável, mesmo que vá desmoronar amanhã. É essa relação com a temporalidade que faz a diferença (JACQUES, 2003, p. 26).

É produzindo *coletivamente* abrigos com materiais heterogêneos e sempre renovando os componentes e suas relações que se constitui a clínica. É nesse “forçar limites” que ela se desdobra levando sempre a outros e novos limites que resistem às identidades e representações.

Coletivo diz respeito a este plano de produção, composto de elementos heteróclitos e que experimenta, todo o tempo, a diferenciação. Coletivo é multidão, composição potencialmente ilimitada de seres tomados na proliferação das forças. No coletivo não há, portanto, propriedade particular, pessoalidades, nada que seja privado, já que todas as forças estão disponíveis para serem experimentadas. É aí que entendemos se dar a experiência clínica: experimentação no plano coletivo, experimentação pública (BARROS; PASSOS, 2004, p. 161).

É numa clínica cujas linhas fronteiriças ganham flexibilidade em que apostamos. Clínica que não envergue para um único lado, como a coluna da Nega, mas que se alastre para lugares não

habitados produzindo possibilidades distintas de experimentação da vida: uma clínica transdisciplinar – uma “clínica das ruínas”.

## **POSSIBILIDADES DE UMA “CLÍNICA DAS RUÍNAS”**

Para que a “clínica das ruínas” se configure, a sala precisa ir abaixo. As paredes soçobram, a vida emerge em sua relação com a arte e o sujeito não ser visto como uma identidade, mas como um processo em que

[...] a subjetividade deve ser produzida, quando chega o momento, justamente porque não há sujeito. E o momento chega quando transpomos as etapas do saber e do poder; são essas etapas que nos forçam a colocar a nova questão, não se podia colocá-la antes. [...] a subjetivação é uma operação artista que se distingue do saber e do poder, e não tem lugar no interior deles (DELEUZE, 1992, p. 141).

Essa clínica se constitui como uma prática que se cruza com a arte, a filosofia e a política – se é que elas se separam em algum momento.

A arte cruza-se com a clínica em técnicas como a da *bricolagem*, cujas regras se constroem num espaço de produção e onde as técnicas são na verdade “antitécnicas” em que os movimentos são intermináveis e sempre em busca da “melhor forma” para o conflito colocado. E a “melhor forma” funciona sempre como um *abrigo*: dependerá dos materiais encontrados, da sua durabilidade, dos componentes descartados e, dentre tantas outras variáveis, do encontro do artista com o material e sua criatividade para compor uma nova forma com o que vai se deparando. A arte se faz por necessidade, não é uma simples atividade recheada de vazio.

É nesse movimento com a arte que a clínica se coloca, na busca de uma “vida como obra de arte”, como pontuou Foucault (2000). Uma arte que permeia e produz não sujeitos, mas processos de subjetivação,

[...] não a existência como sujeito, mas como obra de arte. Trata-se de inventar modos de existência, segundo *regras facultativas*, capazes de resistir ao poder bem como se furtar ao saber, mesmo se o saber tenta penetrá-los e o poder tenta apropriar-se deles. Mas os modos de existência ou possibilidades de vida não cessam de se recriar, e surgem novos (DELEUZE, 1992, p. 116, grifo meu).

E invenção, o processo de inventar coloca-nos diante de fluxos da ordem do intempestivo, numa dimensão em que forças invisíveis se chocam contra as paredes concretas do instituído e pedem pelo uso das referidas *regras facultativas*. Regras que não são produzidas senão no encontro: no encontro com a Nega, com a clínica e com as paredes, todos num mesmo plano marcado pela instabilidade e que carrega vetores da subjetividade que Suely Rolnik (1992) chamou de “homem da moral” e “homem da ética”. Pontuarei esses vetores para retornarmos à invenção como processo que pede pelo uso de regras facultativas.

O “homem da moral” é o homem da consciência, que opera de acordo com uma suposta estabilização das forças; reconhece códigos vigentes e guia nossas escolhas, sendo, portanto, essencial para nossa sobrevivência. Esse homem tem náuseas quando os contornos das referências com as quais se reconhece sofrem algum tipo de abalo (ROLNIK, 1992).

É o “homem da moral” que proclama um “manual da vida” com ideais de igreja, mãe, família, mulher, puta, trabalhador, sexo, rua e aprisiona a liberdade no interior de um “homem-uno”, que é livre para fazer suas escolhas, mas deve ser prudente, pois a escolha por modos de vida não escritos no manual gera consequências. “O sentimento de culpa faz com que cada um julgue seus próprios atos em sua consonância com os valores estabelecidos” (MACHADO, 1999, p.147).

Inseparavelmente do “homem da moral” está o “homem da ética”. O “homem da ética” é o vetor da nossa subjetividade que funciona a partir do pensar como problematização do desassossego causado pelos abalos nos contornos do “homem da moral”, a fim de lançá-lo num plano em que novas composições sejam possíveis e permitam que a “estranheza” geradora do mal-estar não tolerado em suas “paredes” seja incorporada como um novo modo de existir, não como estrita violência.

O “homem da ética” vive a liberdade como produção de outras formas de ser, expansão do “manual da vida” com cláusulas que logo serão revisadas ou até substituídas. “A liberdade se configura quando nossa potência de agir aumenta junto das produções coletivas e é contrária à servidão ou ao desejo de nos apropriarmos do outro” (MACHADO,1999, p.153).

Para tanto, o “*outro*” precisa ser entendido não como unidade, mas como corpo que se choca com outros corpos (humanos ou não) e produz tremores e transformações em seus contornos, tornando necessária a configuração de novos corpos nesse processo.

É a intensificação do “homem da ética” em detrimento do “homem da moral” – já que os dois são indissociáveis – que possibilita a utilização das regras facultativas.

O uso de regras facultativas aponta para uma relação diferenciada com as leis, com os códigos e com as normas. Um processo de dissolução das transcendências. A ética fala de princípios que são ao mesmo tempo anti-princípios, ou melhor, diante do princípio da solidariedade, por exemplo, não há um conteúdo anterior, ou um código prescritivo que definiria como, onde, quando e com quem ser solidário. Será preciso sempre estarmos reinventando formas de solidariedade que estejam voltadas para a expansão da vida (MACHADO, 1999, p.151).

O uso das regras facultativas implica a criação de “outros” possíveis nesse plano em que ética e moral se intensificam ou ofuscam de forma que o que surge como modo de existência tem o cheiro da relação entre os componentes, mas o que se forma é outra coisa, um novo modo, um



novo pensamento voltado para a ampliação da vida. Tornar-se “outro” no sentido de *agenciar-se*, lançar-se nesse plano fértil da produção de subjetividades e permitir afetos e configurações que racham pelo meio – como uma fruta madura – as relações atuais.

Agenciar é estar no meio, sobre a linha de encontro de dois mundos. Agenciar-se com alguém, com um animal, com uma coisa - uma máquina, por exemplo - não é substituí-lo, imitá-lo ou identificar-se com ele: é criar algo que não está nem em você nem no outro, mas entre os dois, neste espaço-tempo comum, impessoal e partilhável que todo agenciamento coletivo revela (ESCÓSSIA; KASTRUP, 2005, p. 303).

Que a clínica seja encarada, então, como um espaço de produção, de criação, de invenção, de agenciamento de outras formas de vida. Espaço de bricolagem, num cruzamento com a arte. Espaço de problematização, num cruzamento com a filosofia e de transformação, metamorfose – não cabimento – num cruzamento com a política.

Um espaço cuja verdade e especulações ao seu redor não seja o foco, não seja importante, mas que a nossa postura em relação a essa verdade seja problematizada e passível de desconstrução: que essa seja a “clínica das ruínas”. E que esse seja um ponto de cruzamento entre a clínica e a filosofia. Conforme afirma Foucault (2000, p. 67):

A filosofia é o movimento pelo qual nos libertamos – com esforços, hesitações, sonhos e ilusões – daquilo que passa por verdadeiro, a fim de buscar outras regras do jogo. A filosofia é o deslocamento e a transformação das molduras de pensamento, a modificação dos valores estabelecidos, e todo o trabalho que se faz para pensar diferentemente, para fazer diversamente, para tornar-se outro do que se é .

Que a clínica que praticamos permita sentir o corpo e o que for do corpo: dor, calor, alegria, tristeza... Que a clínica não seja um anestésico, que a vida não seja acomodada, não feche seus poros, não faça de seus contornos paredes indestrutíveis. Que nossa clínica não produza ou afirme o indivíduo, pois ele impede de vê-la como uma prática pública. Que afirmemos uma clínica que não se separa da política; que fabriquemos ruínas, que produzamos rupturas no suposto (e imposto) equilíbrio da vida e na aclamada linearidade da história. Que a história

não seja entendida como um caminho que nos conduz às origens de nós mesmos, não nos endureça em cristalizações ou coloque-nos sob justificativas ou explicações.

A transdisciplinaridade aposta na fuga dos lugares instituídos, na clínica como produção de um desvio, uma postura crítica que promova desestabilizações e abertura de caminhos alternativos que escapem às circunferências do capitalismo.

Clínica enquanto experiência de desvio, do *clinamen* que faz bifurcar um percurso de vida na criação de novos territórios existenciais. O sentido da clínica, para nós, não se reduz a esse movimento do inclinar-se sobre o leito do doente, como se poderia supor a partir do sentido etimológico da palavra derivada do grego *klinikos* ('que concerne ao leito'; de *klíne*, 'leito, repouso'; de *klíno* 'inclinar, dobrar'). Mais do que essa atitude de acolhimento de quem demanda tratamento, entendemos o ato clínico como a produção de um desvio (*clinamen*), na acepção que dá a essa palavra a filosofia atomista de Epicuro (1965) (BARROS; PASSOS, 2001, p. 95).

Clínica transdisciplinar porque produz não articulação entre campos de saber que se sobrepõem uns aos outros, mas uma relação que não supõe ou sequer almeja uma neutralidade.

Que a Psicologia seja uma ferramenta de enfrentamento dos valores instituídos e de construção de uma "clínica das ruínas": roupagens, acomodações e estagnações como construções e, portanto, passíveis de se tornarem escombros.

Que a Psicologia se posicione para combater as forças de mortificação da vida, os fascismos conceituais, as intelectualizações do saber, os especialismos com seus discursos hierarquizantes e "competentes" e a reprodução de uma lógica vigente pautada na despotencialização das diferenças e nos moralismos naturalizantes.

**Agradecimento:**

À Karina Musso pela sensibilidade e parceria durante toda a elaboração deste trabalho.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, Regina Benevides de; PASSOS, Eduardo. Clínica, política e as modulações do capitalismo. **Revista Lugar Comum**, Rio de Janeiro, n. 19-20, p. 159-171, jan./jun. 2004.
- BARROS, Regina Benevides de; PASSOS, Eduardo. Clínica e biopolítica na experiência do contemporâneo. **Revista de Psicologia Clínica: Pós-Graduação e Pesquisa**, p. 89-99, 2001.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- ESCÓSSIA, Liliana da; KASTRUP, Virgínia. O conceito de coletivo como superação da dicotomia indivíduo-sociedade. **Psicol. Estud.**, Maringá, v. 10, n. 2, maio/ago. 2005.
- FOUCAULT, Michel. O filósofo mascarado. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. v. II, p. 137-144.
- JACQUES, Paola Berenstein. **Estética da ginga**: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. 2. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- MACHADO, Leila Domingues. Ética. In: BARROS, Maria Elizabeth Barros (Org.). **Psicologia**: questões contemporâneas. Vitória: Edufes, 1999. p. 145-161.
- ROLNIK, Suely. À sombra da cidadania: alteridade, homem da ética e reinvenção da democracia. Seção Ponto e Contraponto, **Boletim de Novidades, Pulsional**, Centro de Psicanálise, São Paulo: Livraria Pulsional, ano v, n. 41, set. 1992.

Patrícia Peterli Partichelli  
patriciapeterli@gmail.com